

A militarização da política e a recomposição de poder na democracia brasileira

The militarization of politics and the recomposition of power in Brazilian democracy

La militarización de la política y la recomposición del poder en la democracia brasileña

**Ana Quele
PASSOS**

Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bacharela e mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

O objetivo é realizar uma análise crítica do livro *Poder Camuflado* do jornalista Fábio Victor (2022). A obra se inscreve no campo do jornalismo investigativo, resultado de cinco anos de apuração rigorosa e dezenas de entrevistas com fontes primárias, em especial oficiais do Exército brasileiro. O autor problematiza a atuação do poder militar, principalmente a frente das instituições formais e como esse poder se legitima social e simbolicamente por meio das diferentes narrativas. Em suma, *O Poder Camuflado*, é uma contribuição original, que tem por base uma vasta documentação empírica e cumpre o objetivo de desnudar as formas camufladas de poder que minam o equilíbrio das instituições e da democracia no país.

Palavras-Chave: Militares, Militarização do Governo, Bolsonarismo, Forças Armadas, Democracia.

*The aim is to carry out a critical analysis of the book *Poder Camuflado* by journalist Fábio Victor (2022). The book is part of the field of investigative journalism and is the result of five years of rigorous research and dozens of interviews with primary sources, especially Brazilian Army officers. The author problematizes the role of military power, especially at the head of formal institutions, and how this power is legitimized socially and symbolically through different narratives. In short, *O Poder Camuflado* is an original contribution, based on vast empirical documentation and fulfilling the objective of uncovering the camouflaged forms of power that undermine the balance of institutions and democracy in the country.*

Keywords: *Military, Militarization of Government, Bolsonarism, Armed Forces, Democracy.*

*El objetivo es analizar críticamente el libro del periodista Fábio Victor *Poder Camuflado* (2022). El libro se inscribe en el campo del periodismo de investigación y es el resultado de cinco años de rigurosa investigación y decenas de entrevistas con fuentes primarias, especialmente oficiales del Ejército brasileño. El autor problematiza el papel del poder militar, especialmente al frente de instituciones formales, y cómo este poder se legitima social y simbólicamente a través de diferentes narrativas. En resumen, *O Poder Camuflado* es una contribución original basada en una vasta documentación empírica y cumple el objetivo de exponer las formas camufladas de poder que socavan el equilibrio de las instituciones y la democracia en el país.*

Palabras clave: *Militares, Militarización del Gobierno, Bolsonarismo, Fuerzas Armadas, Democracia.*

217

Vencedor do Prêmio Jabuti 2023 na categoria Biografia e Reportagem, o livro *Poder Camuflado* de Fábio Victor (2022) se inscreve no campo do jornalismo investigativo, resultado de cinco anos de apuração rigorosa e dezenas de entrevistas com fontes primárias, em especial oficiais do Exército brasileiro. Dessa maneira, o seu foco está na reconstituição da trajetória de Jair Bolsonaro dentro e fora da caserna, e na análise das condições institucionais e simbólicas

que possibilitaram o retorno dos militares ao centro do poder político tanto nos meandros do governo Temer, quanto no governo Bolsonaro. O conceito de “poder camuflado” nomeia precisamente esse movimento: a continuidade da influência militar nos bastidores da política nacional, operando “sem as obrigações e custos de ser governo” (Victor, 2022, p. 9), e sem submissão a controles civis efetivos. Ou melhor, é a atuação militar através de estratégias institucionais sutis e articulações informais.

Ao iniciar sua exposição, o autor estabelece uma distinção metodológica que antecipa ao leitor a delimitação do escopo de sua obra. Dirá que a sua escrita não é um relato de história, “este não é um livro de arquivo”, embora se beneficie de acervos documentais e fontes públicas, e tampouco um compêndio sobre o regime militar brasileiro, ainda que o período autoritário permeie o enredo investigativo, dada sua centralidade histórica na formação política dos militares que hoje compõem a alta cúpula das Forças Armadas. Com isso, Victor recusa os limites do marco temporal que analisam as Forças Armadas delimitado à cronologia restrita de 1964-1985, onde analisa desde os governos de Sarney, Collor, Itamar, FHC, Lula, Dilma, Temer até a ascensão de Bolsonaro.

Uma das contribuições-chave é que em sua análise, o centro da discussão traçada em cada capítulo questiona a suposta neutralidade das Forças Armadas no período pós-ditatorial. Esse poder, marcado pela discrição, é manifestado por meio de redes de influência militar na administração pública e se torna particularmente visível em conjunturas de crise institucional, como foi o caso da gestão da pandemia de Covid-19. Tais redes não apenas existem, mas são altamente influentes nas deliberações estratégicas do aparato estatal.

Frente a esse quadro, a obra evidencia uma lacuna na literatura, a carência de estudos empíricos que sistematizam a atuação das Forças Armadas no período pós-redemocratização, sobretudo, no que tange às formas não evidentes dessa presença. A argumentação do

autor mobiliza documentos inéditos, depoimentos internos e entrevistas com atores militares, oferecendo uma base empírica robusta que confere densidade à sua tese. As evidências apontam que, longe de se retirarem da vida política em 1985, os militares reformularam suas estratégias para manter o seu polo de influência, ora mais adaptada ao novo regime democrático. Uma segunda lacuna constatada é a limitação da compreensão da dinâmica interna dessas redes informais de poder. Ou seja, se faz necessário mais investigações sobre seus processos de formação, contribuindo assim para a explicação dos fenômenos políticos como, por exemplo, o bolsonarismo e a extensão do poder que ainda emana das Forças Armadas.

Contextualizada na conjuntura política nacional, a pesquisa assume contornos críticos, sobretudo diante da reaproximação entre militares e governo, explicitada na administração Bolsonaro, que incorporou um grande número de militares em funções político-administrativas. Este arranjo, segundo o autor, impõe a necessidade de análises mais acuradas, diante dos riscos que representa para a estabilidade do regime democrático, especialmente se considerado o papel histórico e institucional singular das Forças Armadas brasileiras no contexto latino-americano.

Para tanto, os objetivos centrais da obra são revelar, documentar e interpretar os modos pelos quais os militares têm mantido sua influência sobre o poder político no Brasil. O autor conduz a sua problematização de forma articulada em capítulos, ora organizados

em três partes principais. A primeira parte do livro, que abrange os capítulos de 1 a 7, oferece um retrato analítico da persistência do poder militar no Brasil democrático, revelando as estratégias de resistência e reconfiguração institucional adotadas pelas Forças Armadas desde o fim da ditadura. Fábio Victor constrói uma narrativa que mostra como, mesmo afastadas formalmente do poder central, as elites militares se mantiveram na capacidade de veto e influência simbólica sobre os rumos da democracia brasileira. O livro inicia com o estudo de caso da família Etchegoyen, que, ao rejeitar as conclusões da Comissão Nacional da Verdade, exemplifica a recusa sistemática do meio castrense em aceitar qualquer responsabilização histórica. Essa recusa se estende para além do âmbito familiar e ganha contornos institucionais, como demonstra a dificuldade dos militares em aceitar figuras civis e, notadamente femininas, em posições de comando no Ministério da Defesa, como no episódio da nomeação de Eva Chiavon, tratado no segundo capítulo.

Ao abordar a atuação do general Leônidas Pires Gonçalves durante o processo de transição democrática, o autor reforça a ideia de que os militares jamais perderam completamente o controle sobre a esfera pública. Mesmo com a redemocratização, as Forças Armadas preservaram áreas estratégicas e continuaram a exercer um papel de “reserva moral da República”. Os capítulos seguintes aprofundam essa linha interpretativa ao contrastar os governos de Fernando Collor e Itamar Franco, revelando como diferentes estilos de governo ora confrontaram, ora acomodaram os interesses militares.

Collor tentou restringir a influência castrense por meio de reformas institucionais e ações simbólicas, ao passo que Itamar adotou um caminho de apaziguamento, restabelecendo canais de diálogo. Já o governo de Fernando Henrique Cardoso manteve uma postura ambígua: embora reconhecesse a importância da memória histórica, evitou confrontos diretos com os militares, mantendo-os em posições estratégicas.

O livro prossegue, então, com uma análise das complexas relações entre os governos petistas e os militares. Lula, consciente da importância de manter a governabilidade, adotou uma retórica conciliadora, procurando minimizar o passado autoritário em favor de uma convivência pragmática. Sua fala perante a Comissão Nacional da Verdade, ao afirmar que “você eram meninos quando alguém mandou fazer”, sintetiza essa tentativa de não hostilizar os militares. No entanto, a relativa trégua construída durante seu segundo mandato começou a se desgastar com a chegada de Dilma Rousseff ao poder. Sua trajetória como ex-militante perseguida pela ditadura, somada à criação da Comissão Nacional da Verdade, mesmo com apoio da oposição, reacendeu tensões latentes, evidenciando os limites da reconciliação institucional.

Na Parte II, Fábio Victor aprofunda a análise da reconfiguração do poder militar, articulando a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência com a mobilização simbólica das Forças Armadas e de seus valores. O autor examina como Bolsonaro, forjado na Academia Militar das Agulhas Negras, se apropriou do imaginário castrense para se apresentar como herdeiro legítimo da

ordem e da autoridade militar, criando uma identidade política indissociável do Exército. Essa construção discursiva foi sustentada por uma estratégia deliberada de revalorização institucional das Forças Armadas, intensificada no pós-impeachment de Dilma Rousseff e amplificada no governo de Michel Temer, que conferiu aos militares um protagonismo inédito desde a redemocratização.

O discurso anticomunista, a ideia da política como território corrompido e a construção de inimigos simbólicos foram elementos centrais na retórica bolsonarista, sendo reciclados com forte apelo emocional e político. O autor mostra, ainda, como o uso estratégico das redes sociais, especialmente por meio de mensagens curtas e simbólicas no Twitter, permitiu às Forças Armadas e a Bolsonaro galvanizar o apoio popular em torno de uma moralização da política. A chamada “onda verde-oliva” de 2018, com a expressiva presença de militares nas eleições, consolidou a simbiose entre prestígio institucional e projeto político conservador, configurando uma nova gramática de poder em que o militarismo se traveste de salvacionismo democrático.

Na Parte III o autor analisa o ponto culminante da reaproximação entre militares e poder político, com destaque para a centralidade inédita das Forças Armadas no governo Bolsonaro, evidenciando como a ocupação maciça de cargos por militares não apenas fortaleceu o protagonismo castrense na formulação de políticas públicas, mas também consolidou um regime de privilégios e blindagens corporativas, revelador de uma lógica de gestão militarizada do Estado. Ao longo dos

capítulos, Victor traça a trajetória desse processo, denunciando os esforços sistemáticos de reescrita do passado ditatorial e a valorização simbólica de figuras associadas à repressão, como Carlos Alberto Brilhante Ustra.

Paralelamente, o autor identifica divisões internas nas Forças Armadas, entre setores alinhados ideologicamente ao bolsonarismo e aqueles mais tradicionais ou legalistas, sugerindo que a “bolsonarização” não se deu sem fraturas. A gestão da pandemia torna-se um marco emblemático da politização militar, com a recusa das diretrizes sanitárias e a mobilização do Exército como instrumento de legitimação. As crises institucionais que se seguiram foram constantemente tratadas como dilemas pessoais do presidente e não como ameaças sistêmicas à democracia, culminando nas investidas autoritárias de 2021 e 2022, interpretadas por Victor como tentativas de *putsch* simbólico. O epílogo retoma o papel do Partido dos Trabalhadores frente a esse cenário, indicando a dificuldade em restaurar a autoridade civil sobre as Forças Armadas, diante de uma cultura política ainda permeada pelo legado autoritário e por uma tutela fardada naturalizada.

Assim, dois anos após a publicação de *Poder Camuflado*, observamos novos elementos da política brasileira que reforçam a atualidade da análise conduzida por Fábio Victor. Em março de 2025, o Supremo Tribunal Federal, por unanimidade, aceitou denúncia contra o ex-presidente Jair Bolsonaro e outros sete integrantes do núcleo do governo, entre os quais generais como Braga Netto, Augusto Heleno e Paulo Sérgio Nogueira, todos formalmente acusados

de organização criminosa, tentativa de golpe de Estado e abolição do Estado Democrático de Direito. Tal conjuntura confirma a hipótese central do autor: as Forças Armadas nunca se afastaram da política, apenas passaram a operar maneira camuflada.

Já a consagração do filme *Ainda Estou Aqui* (Salles, 2024), vencedor do Oscar de melhor filme internacional 2024, reavivou o debate público sobre a memória da ditadura e o silêncio institucional que a envolve, questão ora discutida nos capítulos. Soma-se a esse cenário a posse inédita da ministra Maria Elizabeth Rocha na presidência do Superior Tribunal Militar, cuja simbologia de renovação institucional é

tensionada pelas reiteradas denúncias de parcialidade da Justiça Militar e pelos apelos de setores da sociedade civil por sua reformulação, desde então, a obra também lança luz sobre as dinâmicas na composição do poder militar e gênero.

Nesta obra o autor problematiza a atuação do poder militar, principalmente à frente das instituições formais e como esse poder se legitima social e simbolicamente por meio das diferentes narrativas. Em suma, *O Poder Camuflado* é uma contribuição original, que tem por base uma vasta documentação empírica e cumpre o objetivo de desnudar as formas camufladas de poder que minam o equilíbrio das instituições e da democracia no país.



Referências

VICTOR, F. (2022). *Poder camuflado: os militares e a política, do fim da ditadura à aliança com Bolsonaro*. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em 01/04/2025. Aprovado em 20/05/2025.



Licença CC BY-NC 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>).

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International - CC BY-NC 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio para fins não comerciais, desde que o trabalho original seja corretamente citado.